

# GREVE da FOME

## contra a guerra colonial

Neste momento, na capela da Comunidade do Rato (Calçada Bento da Rocha Cabral junto ao largo do Rato) cristãos fazem a greve da fome, alertando as consciências contra a guerra colonial.

O que leva estes cristãos a tomar esta atitude de coragem, chamando sobre eles a nossa atenção, é o não poderem suportar mais, sem um grito de alarme, a situação em que todos nos encontramos. Independentemente da política da Igreja Portuguesa, é a sua consciência que lhes diz que têm que agir, que não podem mais continuar passivos perante a realidade da guerra.

A guerra tem levado este país, já antes miserável, ao maior descalabro. A guerra destina-se a defender as riquezas que uns quantos têm em África à custa do sacrifício do povo português, de tal modo que os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres.

O dinheiro público que, embora exíguo, devia ser utilizado a favor dos trabalhadores, é desviado para a guerra, de tal modo que, mesmo as fingidas reformas do Governo, principalmente o ensino e a saúde, deram no maior falhanço. A revolta dos estudantes e a má assistência que por todo o país é ou não é prestada às populações é uma boa demonstração disso.

O Governo português fala das riquezas do "Ultramár" como se alguma vez elas aproveitassem à população portuguesa e que esta estivesse em risco de as perder se a guerra terminasse. Na verdade o tabaco, o café, o chá, o algodão, etc., custam relativamente tão caro aos trabalhadores portugueses como aos trabalhadores doutros países que não possuem colónias. Estas riquezas aproveitam sim a umas quantas famílias que lá se instalaram, explorando o trabalho da população negra, que aí vivia desde sempre, tal como cá exploram o trabalho dos operários e camponeses. Os exploradores portugueses estenderam pois o seu campo de acção e, além de explorarem Portugal, criaram colónias, onde submetem populações de camponeses negros, sem armas e sem defesa, incapazes de resistir. A mesma gente explora os camponeses portugueses, os operários portugueses, os trabalhadores negros da Guiné, os de Angola, os de Moçambique. O trabalho de todos eles aproveita a uns quantos, donos deste país e das colónias.

São esses, e o Governo que os representa, que a todo o custo não querem perder aquelas riquezas. E para isso deslocam para África um exército inteiro, não deixando escapar nenhum jovem de vinte anos sem o atirar para a guerra. Os ricos e o Governo dos ricos arrastam para África um exército de pobres para defender terras que não lhes pertencem e para matar negros tão explorados como eles que, ao fim de séculos, se organizaram para conquistar o que é seu. Avalanches de jovens vão para a guerra donde muitos não voltam, donde outros voltam aleijados e muitos com a cabeça de tal modo perdida que nunca mais são o que foram. Enganam-nos dizendo que os "terroristas" são o inimigo. Os "terroristas" e as suas famílias estão na terra deles e querem-na para si; são os soldados portugueses que vão para lá fazer a guerra, deixando a sua família e o seu país. Matam-se e odeiam-se por engano brancos e pretos e assistem a tudo isto, cinicamente, os que aproveitam.

Muitos dos que não querem fazer a guerra, milhares de camponeses, muitos estudantes e operários, veem-se obrigados a fugir, emigrando para a França e outros países, a maior parte fugindo a duas coisas - à guerra e à miséria. Assim se vê o país despovoado.

Desde que os portugueses chegaram à África tentaram explorar os negros, tal como todos os países que estabeleceram colónias. Tornaram os negros escravos, venderam-nos para vários países, sobretudo para a América. Até ao começo da guerra os negros eram vendidos como escravos. Enquanto que todos os países da Europa foram largando as colónias, Portugal ficou sempre, dizendo que estava a defender os valores cristãos do Ocidente, palavreado que escondia que o que es-



tava a fazer era a continuar um regime de escravatura. Os negros foram sempre mantidos na ignorância e no medo, para depois poderem demonstrar que eles eram inferiores; são tão inferiores como qualquer camponês das Beiras-se vier para a cidade, estudar e puder comer, deixa de ser ignorante. Os poucos negros que estudam na nossa Universidade são tão bons alunos como os brancos; e os filhos deles melhores serão.

Os senhores brancos, que são donos de Portugal e das colónias, foram cada vez aumentando mais o seu poderio e por fim chamaram capitalistas estrangeiros para que também estes tivessem interesses em África tal como têm em Portugal; deste modo asseguram que outros queiram defender aquelas riquezas, com os seus exércitos, com o seu poder internacional. O caso das colónias portuguesas passou assim a interessar outros países capitalistas; para explorar compreendem-se todos, mesmo que tenham línguas diferentes. É por isso também que os trabalhadores portugueses devem compreender que são vítimas e explorados como os trabalhadores doutras partes do mundo e que os negros lutam em Angola, Guiné e Moçambique, como em Portugal todos lutamos para que acabe o Governo desta meia dúzia que possui tudo. No dia em que em Portugal a revolta alastre, ninguém gostará que eles vão buscar exércitos americanos ou espanhóis (NATO, Pacto Ibérico) para nos matar a nós. É o que o exército português está a fazer em África. E é também o que o exército americano está a fazer no Vietnam e o exército israelita na Palestina.

Acabemos com a guerra. O fim da guerra pode ser o fim do Governo português, que desse modo perde o seu grande apoio, que são as colónias.

Organizemo-nos para acabar com a guerra. Os que fogem que fujam com armas dos quartéis (elas são necessárias) e que fujam em grupo, para melhor se defenderem. Os que vão para África podem desertar mesmo lá, como outros têm feito, e podem sempre sabotar as ordens criminosas de oficiais fascistas. Os que vêm com defeitos físicos, as famílias dos que morreram, devem contar o que se passa, devem revoltar-se, para que não haja outros que fiquem tão mal como eles.

Acabemos com a guerra. Na Comunidade do Rato cristãos fazem a greve da fome para que todos concentrem a sua atenção no problema da guerra. Tenhamos a coragem todos, sem distinção de religião, de enfrentar a maneira de acabarmos com isto.

Vamos à Comunidade do Rato para nos juntarmos àqueles que tomaram a iniciativa, para os acompanharmos, para discutirmos como fazer, como continuar.

\* **TODOS SOLIDÁRIOS COM OS GREVISTAS DA FOME**  
**TODOS AO LARGO DO RATO**  
**ABAIXO A GUERRA COLONIAL**

a) **TRABALHADORES REVOLUCIONÁRIOS**